

Endouoleicus/Endouelecus/ Indouellecus: Releitura de algumas formas do Teónimo

PEDRO MARQUES*

RESUMO

A epigrafia dedicada ao deus Endovélico apresenta-nos as formas teonímicas *Endouellico*, *Endouelico*; *Indouellico*, *Indouelico*; *Endouollico*, *Endouolico*; *Enobolico*; *Ennouolico* e *Endoueleco*. Esta última forma tinha sido considerada anteriormente por Hübner e Leite de Vasconcellos, noutras inscrições. Deste modo, propusemo-nos rever as leituras de cinco monumentos. A análise epigráfica que efectuámos a *CIL* II 6330 = *IRCP* 493 revelou-nos a variante *I(n)douelliico=I(n)douelleco*. *CIL* II 5206 = *IRCP* 485 forneceu-nos *Endoueliico=Endoueleco*. Em *CIL* II 6269b = *IRCP* 507 mantivemos as duas hipóteses ortográficas em aberto: *Indoueliico=Indoueleco* e *Indouellico*. A leitura de *IRCP* 517 permitiu o registo de uma nova forma: *Endouoleico*. Na inscrição *CIL* II 5201 = *IRCP* 527 conservámos a leitura *Endouellico*.

Palavras-chave: *Endouellicus* – *Indouellecus* – *Endouelecus* – *Endouoleicus*, Epigrafia

ABSTRACT

The epigraphy dedicated to god *Endouellicus* presents the variants *Endouellico*, *Endouelico*, *Indouellico*, *Indouelico*, *Endouollico*, *Endouolico*, *Enobolico*, *Ennouolico*, and *Endoueleco*. The latter had been previously considered by Hübner and Leite de Vasconcellos on other inscriptions. Thus, we intended to review the readings of five monuments. The epigraphical analysis of *CIL* II 6330 = *IRCP* 493 revealed the variant *I(n)douelliico=I(n)douelleco*. *CIL* II 5206 = *IRCP* 485 gave us *Endoueliico=Endoueleco*. For *CIL* II 6269b = *IRCP* 507 we left the two spelling

* Doutorando em Arqueologia na Faculdade de Letras de Lisboa (UNIARQ). Bolseiro da FCT.
E-mail: pmcmarques@hotmail.com

hypothesis open: *Indoueliico*=*Indoueleco* and *Indouellico*. The reading of *IRCP* 517 allowed the registration of a new form: *Endouoleico*. On the inscription *CIL* II 5201 = *IRCP* 527 we decided to keep the reading *Endouellico*.

Keywords: *Endouellicus* – *Indouellecus* – *Endouelecus* – *Endouoleicus*
– Epigraphy

1. INTRODUÇÃO

A numerosa epigrafia dedicada ao deus Endovélico apresenta-nos uma variedade de formas teonímicas. Conhecemos *Endouellico*, *Endouelico*; *Indouellico*, *Indouelico*; *Endouollico*, *Endouolico*; e *Enobolico* (IRCP, p. 561-629, 800-805; RAP, p. 310-329; Búa Carballo, s.d., p. 71, 582-612; Cardim Ribeiro, 2002a, p. 381-398; Cardim Ribeiro, 2002b, p. 88; Prósper Pérez, 2002, p. 346-351; Guerra [et. al.], 2003, p. 457-461). Recentemente, as escavações efectuadas no Santuário de Endovélico deram-nos a conhecer as formas teonímicas *Ennou(olico)* e *Endoue[l]eco* (Guerra et al., 2003, p. 458-461, n.ºs 2-3).

Porém, a forma *Endoueleco* tinha sido já considerada como hipótese de leitura por Hübner e Leite de Vasconcellos, noutras inscrições; embora, mais recentemente, os autores tenham optado sempre por formas teonímicas de registo mais seguro, por estarem abundantemente comprovadas na epigrafia.

Existindo agora um testemunho incontroverso de *Endoueleco* e tendo em conta as antigas publicações de Hübner e Leite de Vasconcellos, assim como a correspondência – inédita – enviada pelo investigador alemão ao português, propusemo-nos rever as leituras de algumas inscrições. A escolha destes monumentos foi orientada por dois factores: a) epígrafes já neste mesmo aspecto referenciadas por Hübner e Leite de Vasconcellos; b) monumentos de leitura não segura na parte da terminação. Desta pesquisa, seleccionámos um conjunto de cinco epígrafes, cujas formas teonímicas analisaremos no presente artigo.

2. CIL II 6330 = IRCP 493

MNA N.º E 7861

Nossa leitura: $I(n)DOVE^2LLIICO$ (Fotos 1-2)

Leituras anteriores: $IDOVE^2LLICO$ ou $IDOVE^2LLECO$ ou $EDOVE^2LLECO$ (Hübner, *EJLV* N.º 10450); $IDOVE^2LLIICO$ ou $[EN]^2DOVE^3LLIICO$ (*CIL* II 6330); $[EN]DOVELLICO$ (Vasconcellos – segundo informação in *CIL* II 6330); $[DEO EN][?]^2DOVE^3[L]LICO$ ou $[EN][?]^2DOVE^2[L]LICO$ (*IRCP* 493); $[DEO EN?]^2DOVE^3[L]LICO$ (*RAP* 74; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.J.); $[.n]DOVE^2[l]LICO$ (Búa Carballo, p. 602, n.º 38).

linha 1:

No início da primeira linha existe uma fractura. A inscrição conservada inicia-se por um traço vertical, que corresponderá ao vestígio de uma letra. Alguns autores colocaram a hipótese da existência de uma regra anterior, que seria a inicial, actualmente desaparecida. Essa linha estaria inscrita no capitel¹ (*CIL* II 6330), uma vez que em torno do texto existente cava-se um sulco que parece delimitar todo o campo epigráfico. Esta proposta teria a vantagem de permitir a suposição de *Deo*, tão vulgarmente atestado na epigrafia de Endovélico, e de conseguir espaço suficiente para a reconstituição do teónimo na sua forma mais comum, em *EN-*. Além do mais, conhecemos pelo menos duas inscrições do *corpus* de Endovélico cujos textos se iniciam nas respectivas cornijas (*IRCP* 504; e Guerra [et al.], 2003, p. 460-461, n.º 3). Contudo, não possuímos qualquer comprovação para a existência de uma linha anterior em *CIL* II 6330, pelo que nos parece mais prudente e aconselhável – até atendendo ao referido sulco periférico, que parece encerrar em si mesmo todo o texto – considerar a regra subsistente como o verdadeiro início da epígrafe.

Os autores que procederam deste mesmo modo colocaram a hipótese de existir um ou dois caracteres antes do *-D-*, concretamente *ID-*, *ED-*, *END-* e *.ND-*. As primeiras soluções revelariam duas formas teonímicas até agora sem paralelos na epigrafia de Endovélico. *END-* aponta a reconstituição do teónimo na sua forma mais comum. Búa Carballo, ao considerar o traço vertical inicial o vestígio de um *-N-* e a existência de uma letra prévia, parece orientar a reconstituição do teónimo para as formas conhecidas *END-* e *IND-*, sem no entanto o expressar taxativamente.

¹ No entanto as características físicas do monumento – sulcos decorativos nas faces laterais, moldura rectangular na face posterior, pequena espessura (7 cm) – poderão indicar uma tipologia mais próxima da tábula moldurada, destinada a ser encaixada numa parede, que da árula (cfr. *CIL* II 6330 e *IRCP* 493); deste modo não existiria o suposto capitel, mas sim uma simples moldura.



Fig. 1 – CIL II 6330 = IRCP 493.



Fig. 2 – CIL II 6330 = IRCP 493, início da linha 1.

A avaliação do ângulo superior esquerdo da lápide (para o observador), fracturado diagonalmente, revela-nos um espaço em falta de cerca de 21 mm em cima / 17 mm em baixo. Recordando a existência do sulco que delimitaria todo o campo epigráfico, a distância entre tal sulco e o primeiro traço vertical, inclusive, seria de 19 mm / 15 mm, pelo que os caracteres em falta teriam de caber, todos eles, nesta pequena área. O *-E-* da primeira regra mede 18 mm de largura e o *-N-* da quinta linha mede 16 mm. O *-NI-* da quinta regra mede 20 mm de largura. Deste modo, confrontando as dimensões destas letras com as do espaço fracturado, supomos que efectivamente não deveria existir campo suficiente no início do monumento para os caracteres *EN-* ou *IN-* em separado, antes do *-D-*. Poderíamos antes supor um nexos entre as letras *EN-* ou *IN-*, que assim proporcionariam formas teonímicas já atestadas; no entanto, não conhecemos paralelos, na epigrafia de Endovélico, para este tipo de nexos no início do teónimo, sendo que o único nexos registado no trecho inicial do teónimo une os caracteres *-ND-* (IRCP 536).

Perante os factos apresentados e os vestígios subsistentes, recolocamos a hipótese de o traço vertical corresponder a um *I-* que antecederia o *-D-*, considerando, tal como Hübner, um início em *ID-*. Mas a proposta *ED-* deste autor é igualmente possível, no pressuposto paleográfico *II=E*. De facto, nas segunda e quarta linhas existem dois casos de *II=E* (cf. Quadro 1), que ocupam cada qual 12 mm de largura, pelo que existiria espaço suficiente na parte fracturada para dois idênticos traços verticais.

Está comprovada epigraficamente a oscilação gráfica entre as vogais *E* e *I* e a equivalência entre dois *II-* e um *E-* na epigrafia de Endovélico e no próprio teónimo (Carnoy, 1971², p. 20-25, 96-102; IRCP, p. 561-629, 800-805; RAP, p. 310-329; Búa Carballo, s.d., p. 71, 582-612; Cardim Ribeiro, 2002b, p. 88; Prósper Pérez, 2002, p. 346-351; Guerra et al., 2003, p. 457-460, n.º 1-3; Santos, 2005, p. 29-32. Cf. Quadro 1).

Na epigrafia de Endovélico está atestado também o processo de assimilação *-nd- > -nm-*, que resultaria no desaparecimento da letra *-d-* (Guerra et al., 2003, p. 459, n.º 2). Assim sendo, poderíamos pensar num processo semelhante, no qual o carácter ausente seria o *-n-* (**-nd- > -d-*). Conhecemos, na língua latina

e no latim epigráfico, casos da queda da nasalação (Carnoy, 1971², p. 171-173; Faria, 1957, p. 99-102). No entanto, não se registam paralelos para este processo na epigrafia de Endovélico e todas as formas teonímicas da divindade apresentam um -N- como segundo carácter. Deste modo, parece-nos mais aconselhável propor a falta da letra -N- devido a uma intencional omissão por parte do *ordinator*, com características não de alteração fonética do teónimo mas, simplesmente, como abreviatura – similar à tão comum ausência do -n- nos sufixos de *origo* em -e(n)sis patente em múltiplos monumentos epigráficos (cf., *v.g.*, Guerra, 1998, p. 103, n.º E5, p. 111, n.º E17, p. 127, n.º E39.2, p. 132, n.º E47, p. 135-136, n.º E55, p. 138, n.º E57.1) –, em consequência da debilidade da pronúncia (Carnoy, 1971, p. 171; Faria, 1957, p. 99-102).

linha 2:

Hübner considerou duas hipóteses de leitura para o início da segunda linha. A proposta que a maioria dos restantes epigrafistas têm apresentado baseia-se certamente na fractura que a pedra ostenta e nos paralelos existentes para a forma teonímica que defendem. No entanto, alguns investigadores questionaram-se acerca daquilo que foi efectivamente gravado na árula. José d'Encarnação interroga-se quanto à existência de dois -LL- paralelos e de um -E- grafado através de dois -II- (IRCP 493). Búa Carballo defendeu que os caracteres -L- e -I- foram gravados através de dois traços paralelos cada (p. 602, n.º 38).

Na nossa opinião, ao contrário de considerarmos a dupla gravação de duas letras, que necessitariam apenas de um traço para serem abertas, pensamos que os quatro traços subsistentes nos revelam, precisamente, quatro diferentes caracteres. Deste modo, seguimos a leitura -LLII- proposta por Hübner. Os dois -LL- encontram-se em nexos, na medida em que o segundo -L- ocupa espaço do primeiro -L-. Este não se apresenta na sua totalidade devido à fractura que o monumento sofreu. Apesar de existir na primeira regra um -E- concebido através do grafema singular especificamente adequado a esta precisa vocalização, a quarta linha ostenta um -E- claramente figurado através de dois -II-. Assim, a referida proposta de Hübner para o início da linha 2, que ora seguimos, encontra aqui a sua plena justificação (cf. IRCP 493). Esta característica paleográfica está ainda atestada noutras inscrições dedicadas a Endovélico (*vide supra* questão E-I, II-E; cf. Quadro 1).

Pelas razões que se apresentaram *supra*, as leituras que propomos como as mais viáveis para a forma teonímica presente nesta epígrafe são as seguintes: *II(n)douelliico=E(n)douelleco*; ou, talvez mais provavelmente, *I(n)douelliico=I(n)douelleco* (cf. Quadro 1). Em qualquer das hipóteses, estaremos perante uma forma com o sufixo em -eco.

3. CIL II 5206 = IRCP 485

MNA N.º E 7729

Nossa leitura: ENDOVEL²IICO (Fotos 3-7)

Leituras anteriores: ENDOVEL²LICO (CIL II 5206; Vasconcellos, 1938a, p. 118, n.º 40; Lambrino, 1951, p. 101, n.º 22); ENDOVEL²LICO (IRCP 485; RAP 66; Búa Carballo, s.d., p. 590-591, n.º 17; Prósper Pérez, 2002, p. 346, n.º 1.1.C).

As publicações recentes apresentam dúvidas na leitura das letras *-ELL-* do teónimo, chamando José d'Encarnação a atenção para o facto de o lapicida omitir as barras horizontais (IRCP 485). Não partilhamos destas dúvidas. A observação directa que efectuámos à epígrafe permitiu-nos constatar que os dois primeiros caracteres *E*, no início da primeira linha, apresentam claramente as três barras horizontais. O terceiro *-E-* da primeira regra e o *-E-* da quarta linha apenas não possuem as barras horizontais do centro, não obstante a que se trate de *EE*. Quanto ao *-E-* da quarta regra vê-se ainda a parte inferior, embora um pouco sumida. Relativamente à letra *L* da primeira linha, também ela apresenta a barra horizontal. Deste modo, lemos *-EL-*.



Fig. 3

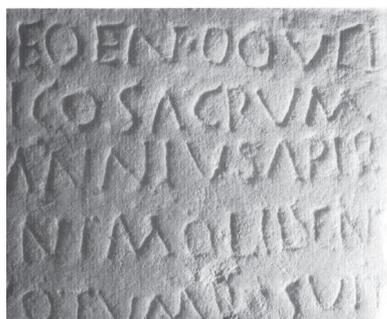


Fig. 4

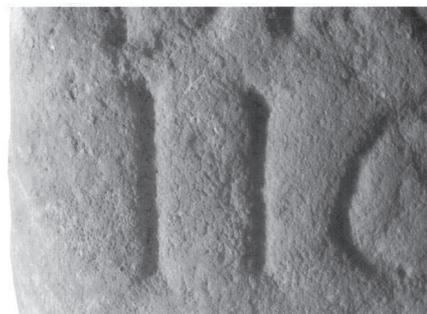


Fig. 5

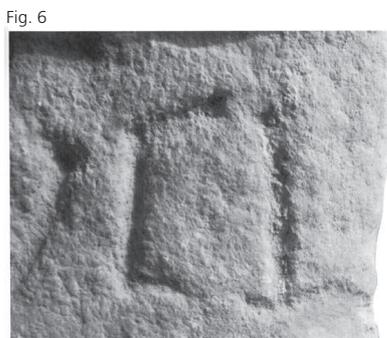


Fig. 6

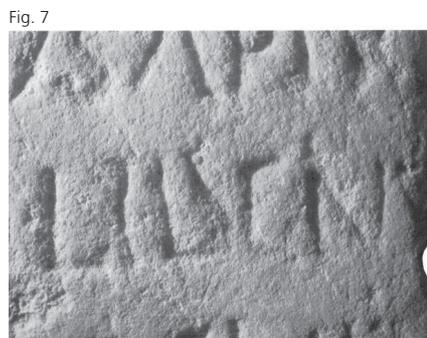


Fig. 7

Fig. 3 – CIL II 5206 = IRCP 485.

Fig. 4 – CIL II 5206 = IRCP 485, campo epigráfico.

Fig. 5 – CIL II 5206 = IRCP 485, final da linha 1.

Fig. 6 – CIL II 5206 = IRCP 485, início da linha 2.

Fig. 7 – CIL II 5206 = IRCP 485, final da linha 4.

Apesar das referidas dúvidas recentes, a primeira letra da segunda regra tem sido interpretada como um *-L-*, permitindo a leitura da forma mais usual do teónimo, *Endouellico*. Porém, na observação directa que efectuámos do texto epigráfico, foi-nos possível constatar que os dois primeiros caracteres da segunda linha se circunscvem a dois traços verticais, o que corresponderá a *-II-* = *-E-*. A existência de dois *-II-* por *-E-*, assim como a terminação *-IICO* = *-ECO* do teónimo, são fenómenos já comprovados na epigrafia de Endovélico (*vide supra*, *CIL* II 6330; cf. Quadro 1). Deste modo, ao invés de considerarmos no início da segunda regra um *-L-* sem a barra horizontal, propomos antes um *-I-*, donde resulta a forma teonímica *Endoueliico=Endoueleco* (cf. Quadro 1).

4. *CIL* II 6269B = *IRCP* 507

MNA N.º E 7916

Nossa leitura²: *IND*/³*OVELIIC*/⁴*O* ou *IND*/³*OVELLIC*/⁴*O*

Leituras anteriores: *IND*/³*OVELIIC* (Vasconcellos, 1890, p. 4-5, n.º 3; *CIL* II 6269b); *IND*/³*OVELIIC*/⁴*O* (Vasconcellos, 1938b, p. 208-209, n.º 3); *IND*/³*OVELLICO* (Vasconcellos, 1938a, p. 122, n.º 57); *IND*/³*OVELLIC*/⁴*O* (Lambrino, 1967, p. 188-189, n.º 116; *IRCP* 507; *RAP* 88; Búa Carballo, s.d., p. 597, n.º 28; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.R).

A forma teonímica registada nesta ara conheceu duas leituras, *Indoueliico=Indoueleco* e *Indouellico*. Leite de Vasconcellos (1890, *loc. cit.*; *Idem*, 1938b, *loc. cit.*) propôs a primeira hipótese, arguindo que as letras gravadas seriam um *-L-* e dois *-II-*.

A inscrição apresenta um conjunto de características paleográficas que não nos permitiram esclarecer de forma inequívoca se a quinta letra da terceira regra corresponde efectivamente a um *L* ou a um *I*. Este carácter é composto por uma barra vertical, da qual parte uma barra horizontal inferior. Esta barra encontra-se aproximadamente centrada em relação à vertical.

Os *LL* evidentes no texto possuem as seguintes especificidades: a quarta letra da terceira linha apresenta uma barra vertical, à qual se une uma barra horizontal na parte inferior; a barra vertical efectua uma ligeira inflexão para a esquerda antes de iniciar a barra horizontal, não se encontrando centrada uma relativamente à outra. Neste pormenor difere do quinto carácter. Quanto às barras horizontais do

² Neste artigo seguimos o texto epigráfico resultante da união dos dois fragmentos. No entanto, na nossa opinião, a junção destes dois fragmentos deve ser reestudada, a fim de se confirmar – ou não – esta tradicional reconstituição.

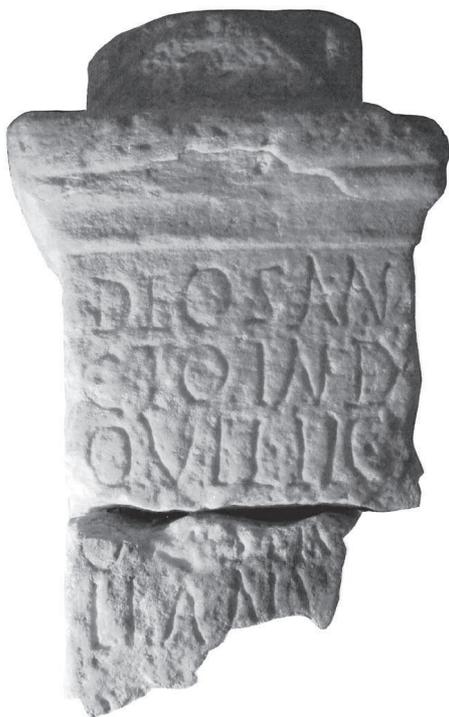


Fig. 8 – CIL II 6269b = IRCP 507.

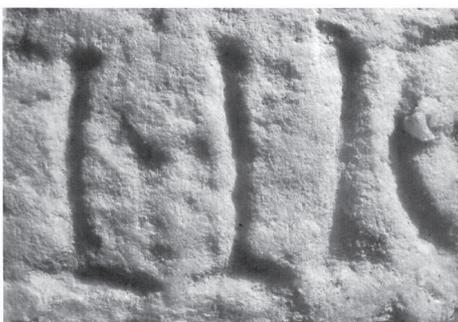


Fig. 9 – CIL II 6269b = IRCP 507, linha 3.

-L- da quinta regra e do suposto -L- da quarta linha, não se regista o seu prolongamento para a esquerda.

O -I- da quinta regra e o suposto -I- da quarta linha circunscrevem-se aos respectivos traços verticais. Porém, o I- da segunda regra mostra um pequeno traço horizontal na parte inferior. A sexta letra da terceira linha tem sido lida e assemelha-se a um -I- e é composta por um traço vertical, de forma sensivelmente ondulada; na sua parte inferior subsistem vestígios que poderão corresponder a um traço horizontal.

O lapicida gravou ainda «serifs» horizontais noutros caracteres, cuja ausência não afectaria a leitura. O -A- da primeira regra tem prolongamentos em jeito de traços horizontais, na parte inferior. No -E- da primeira linha, a barra horizontal prolonga-se para o seu lado esquerdo.

As distâncias entre as barras verticais das quarta, quinta e sexta letras da terceira regra e entre o sexto e o sétimo caracteres, não esclarecem plenamente o teor da quinta letra, apesar de favorecerem a interpretação -L-: entre as barras verticais dos quarto e quinto caracteres existe uma distância de 20 mm; as barras verticais das quinta e sexta letras distanciam-se 14 mm; entre a barra vertical do sexto caracter e a sétima letra subsiste uma distância de 6 mm.

O prolongamento da barra horizontal do caracter *L* para a esquerda e a gravação de letras *I* com pequenos traços horizontais («serifs») são características paleográficas comuns aos *ductus* de certos 'estilos' epigráficos eventualmente mais próximos da escrita pintada. Alguns exemplos claros integram, inclusive, o *corpus* de inscri-

ções dedicadas a Endovélico (cfr., *v.g.*, Cardim Ribeiro, 2002a, p. 398, n.º 67; cfr. Almeida, 1974, p. 221-222). Por outro lado e como se constatou em relação a CIL II 6269b, os *LL* e os *II* podem aparecer – e aparecem – gravados de duas maneiras diferentes no mesmo texto. Assim e conjugando todos estes aspectos, cremos que a atitude mais prudente quanto à epígrafe ora em análise será manter em aberto a interpretação do quinto caracter da terceira linha, considerando ambas as possibilidades: *Indoueliico=Indoueleco*; ou *Indouellico*.

5. IRCP 517

MNA N.º E 7716

Nossa leitura: *ENDOVOQL/²EICO* (fotos 10-12)

Leituras anteriores: *ENDOVO/²LICO* (Vasconcellos, 1905, p. 132-133; Lambrino, 1951, p. 101, n.º 29); *ENDOVO. /²LICO* (Vasconcellos, 1938a, p. 120, n.º 47); *ENDOVO/²LICO* (IRCP 517; RAP 98); ¹*ENDOVOŁICO* (Pérez, 2002, p. 349, n.º 1.2.D); *ENDOVO/²LICO* (Búa Carballo, s.d., p. 605-606, n.º 46).

O teónimo desta árula tem sido sempre lido *Endouolico*. Nesta leitura consensual, certos autores diferem porém nalguns pormenores, relativamente aos quais desejamos apresentar a nossa opinião.

Leite de Vasconcellos supôs a existência de uma letra após o nexos *-VO-*, na primeira regra, ideia que foi contrariada por José d'Encarnação (IRCP 517). No exame que efectuámos à epígrafe, observámos de facto vestígios de um traço vertical no final da primeira linha, após o nexos *-VO-*, pelo que constatámos ser verdadeira a lição do primeiro autor.

A árula encontra-se danificada após o nexos, faltando cerca de 14 mm na primeira regra, quantitativo que atinge 21 mm se incluirmos o espaço ocupado pelos vestígios do traço vertical³. Tendo em conta estes vestígios e as mais comuns formas teonímicas de Endovélico, pensamos que a letra que estaria após o nexos fosse um *-L-*. Existe espaço para este carácter: o *L-* da terceira linha ocupa apenas 15 mm, enquanto o *L* da quinta regra preenche 20 mm. Deste modo, teríamos *Endouol-* na primeira linha.

A primeira letra da segunda regra foi interpretada como um *-L-* por todos os autores, considerando José d'Encarnação que a manifesta barra horizontal superior poderia ter sido um lapso (IRCP 517). Porém, ao invés de encerrar a questão supondo um mero lapso, teremos antes de colocar a hipótese de tal carácter ser afinal um *E*, gravado sem a barra central. Apesar de os restantes *EE* da inscrição, nas primeira, segunda e quarta linhas, conterem esse traço, a gravação de *EE* sem barra central – ou, pelo menos, sem barra central actualmente visível – encontra-se atestada na epigrafia de Endovélico, por exemplo em *CIL* II 5206, que atrás analisámos.

O facto de, na esteira de Leite de Vasconcellos, considerarmos a existência de um *-L-* no final da primeira regra e, agora, de um *-E-* no início da segunda linha, revelar-nos-á uma forma teonímica ainda não atestada no *corpus* de Endovélico: *Endouoleico*.

³ A fractura que o monumento apresenta danificou igualmente o final de outras linhas, afectando algumas letras. Por exemplo, na segunda regra, o último carácter visível apresenta apenas a metade esquerda.



Fig. 10

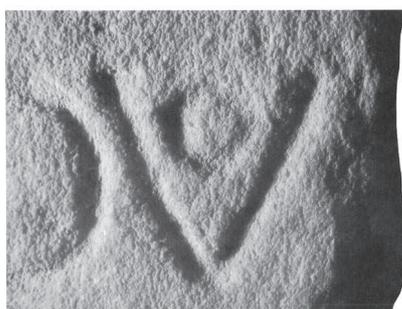


Fig. 11

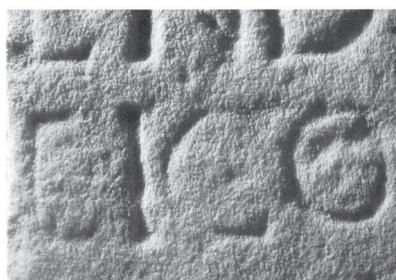


Fig. 12

Fig. 10 – IRCP 517

Fig. 11 – IRCP 517, final da linha 1.

Fig. 12 – IRCP 517, início da linha 2.

A nova leitura que apresentamos de IRCP 517 acrescenta, pois, uma terminação nova, *-eico*, aos sufixos *-ico* e *-eco* já bem conhecidos nos textos consagrados a esta divindade. A forma *Endouellicus* tem o *-i-* breve (Forcellinus, 1940, p. 531). Linguisticamente, o ditongo *ei* teria sofrido uma evolução **ai>ei>e/i*, na qual a última forma (*e/i*) apresenta uma quantidade longa (Faria, 1957, p. 173-175; Búa Carballo, s.d., p. 163-164). Deste modo, seria difícil uma evolução *ei* longo para *e/i* breve. Existem, contudo, exceções. Está atestado na epigrafia hispânica o ditongo *ei*, com uma quantidade breve

(Búa Carballo, s.d., p. 164), o que torna possível a evolução **ei>e/i*, com quantidade breve.

Carnoy e Guerra, Schattner, Fabião, Almeida colocaram a hipótese de o sufixo *-eco* de *Endoueleco* / *Indouelec* constituir uma evolução de *-aeco* (Carnoy, 1971, p. 24-25; Guerra et. al., 2003, p. 460, n.º 3). Estando atestado, pela primeira vez, o ditongo *-eico* em IRCP 517, parece-nos preferível considerar esta variante como directa ‘antecessora’, sob o ponto de vista linguístico, das terminações *-eco* e *-ico* do teónimo⁴. O sufixo *-eico* seria utilizado para formar palavras que teriam a sua origem em topónimos ou etnónimos (Guerra, 1998, p. 719-723). Assim, a forma teonímica atestada em IRCP 517 corrobora a hipótese de o teónimo possuir uma base linguística de valor toponímico (Búa Carballo, s.d., p. 21-22, 71-73; Cardim Ribeiro, 2002b, p. 85-88; Guerra [et. al.], 2003, p. 460, n.º 3; Cardim Ribeiro, 2005, p. 721, 726, 749).

⁴ Acerca da tão comum evolução *-ae>e*, vide Carnoy, 1971², p. 70-84; Faria, 1957, p. 73-74; Guerra, 1998, p. 721; Santos, 2005, p. 36-39.

6. *CIL II 5201 = IRCP 527*

Igreja da Senhora da Boa Nova, em Terena, no Alandroal

Nossa leitura: *EN/°DOVELLICO* (Fotos 13-16)

Leituras anteriores: *EN/°DOVELLICO* (*CIL II 5201*; Vasconcellos, 1905, p. 122-123; Lambrino, 1951, p. 102, n.º 32; *RAP* 108; Prósper Pérez, 2002, p. 348, n.º 1.1.C); *EN/°DOVELIICO* (Vasconcellos, 1905, p. 122-123); *EN/°DOVELLICO* (*IRCP 527*; Búa Carballo, s.d., p. 594-595, n.º 23)

Leite de Vasconcellos (1905, p. 122-123) foi o primeiro autor a colocar dúvidas na leitura das letras *-LL-* do teónimo, considerando que o segundo carácter estava danificado, pelo que tanto poderia ser um *-I-* como, mais provavelmente,

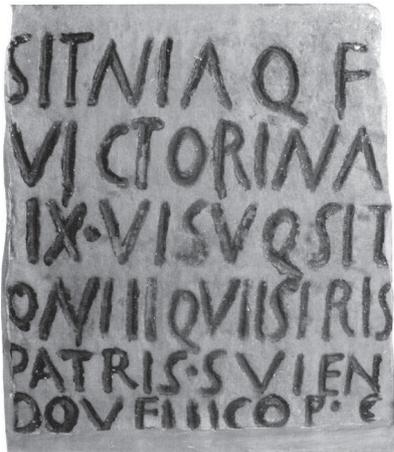


Fig. 13



Fig. 14

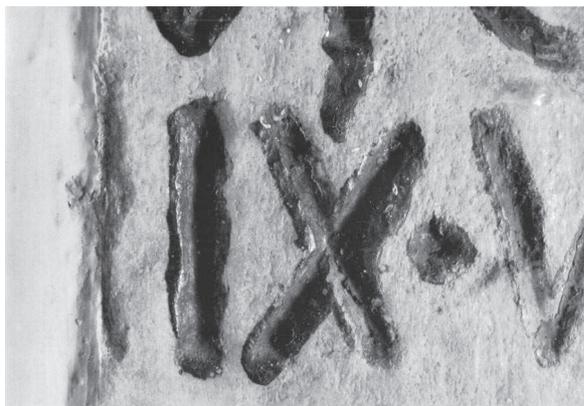


Fig. 15

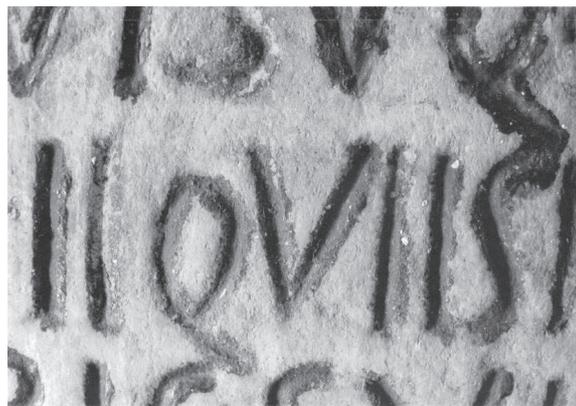


Fig. 16

Fig. 13 – *CIL II 5201 = IRCP 527*.

Fig. 14 – *CIL II 5201 = IRCP 527*, linha 6.

Fig. 15 – *CIL II 5201 = IRCP 527*, início da linha 3.

Fig. 16 – *CIL II 5201 = IRCP 527*, linha 4.

um *-L-*. José d'Encarnação afirmou que as barras horizontais destas letras eram muito pequenas (IRCP 527).

A possibilidade, colocada por Leite de Vasconcelos, de estarmos perante mais um registo da variante *Endoueliico=Endoueleco* justificou a inclusão da epígrafe neste estudo.

Na análise que efectuámos à gravação do teónimo não observámos barras horizontais, lendo *ENDOVEIICO*. Os quinto, sexto e sétimo caracteres da última regra são representados através de um traço vertical. Poderíamos pensar que o lapicida não gravou as barras horizontais inferiores, seja por lapso ou por falta de espaço, ou, talvez mais pertinentemente, devamos supor que esta inscrição tenha sido modernamente avivada de forma inábil, 'desaparecendo' assim muitos dos traços horizontais então já menos visíveis – e por isso desapercibidos pelo novo 'lapicida' –, incluindo a barra superior do *-T-* de *equestris*. Por outro lado, a forma *Endoueliico=Endoueleco* parecer-nos-ia à primeira vista aqui possível, pois além de existirem – como vimos (*supra* CIL II 6330; cf. Quadro 1) – paralelos na epigrafia de Endovélico, a gravação de dois *II* por *E* está indubitavelmente atestada nas terceira (*IIX=EX*) e quarta linhas (*IIQVIISTRIS=EQVESTRIS*) deste mesmo texto. No entanto, no teónimo, a letra imediatamente anterior, um *E*, apresenta nítida a barra horizontal inferior.

Perante todas estas dificuldades de interpretação literal recorreremos a um último método, o da ponderação dos espaços entre os caracteres. Na palavra *IIQVIISTRIS*, os espaços entre os dois *-II-* são de 4 mm e 5 mm, respectivamente; enquanto que, em *ENDOVEIICO*, os espaços entre os três traços verticais são de 8,5 / 8,9 mm e 7,5 mm, respectivamente; o último traço dista da letra *-C-*, que se lhe segue, cerca de 3 mm. Deste modo, os dois primeiros traços verticais deverão corresponder a *-LL-* e o terceiro traço pertencer a um *-I-*. Teremos pois assim, nesta epígrafe, apenas a forma mais comum e atestada do teónimo: *Endouellico*.

7. ANTROPONÍMIA

A análise antroponímica baseia-se em três das cinco inscrições que estudámos *supra*. Exluímos *CIL* II 6269b = *IRCP* 507 porque a fractura que o monumento apresenta não permite uma leitura clara da onomástica do dedicante. Também não incluímos *CIL* II 5201 = *IRCP* 527 por esta epígrafe não oferecer afinal quaisquer novidades quanto à respectiva forma teonímica.

G(aius) O(ctavius ?) Nicodius:

O antropónimo do dedicante de *CIL* II 6330 = *IRCP* 493 tem sido lido, pela generalidade dos autores, *Conicodius*. Seria um nome de origem indígena, relacionado com o etnónimo *Conii*. No entanto, *Conicodius* é um *hapax* (Abascal Pala-

zón, 1994, p. 334; *IRCP* 493; Encarnação, 2008, p. 63; cfr. ainda Vallejo Ruiz, 2005, p. 487). Talvez por esta razão Leite de Vasconcellos tenha considerado antes a hipótese de leitura *Concordius* (*CIL* II 6330; cf. *IRCP* 493), antropónimo atestado como *nomen* em Tarragona e como *cognomen* em Barcelona, ambos uma única vez (Abascal Palazón, 1994, p. 116 e 334; *CIL* II 5129/6146); a sua variante feminina – *Concordia* – está comprovada na posição de *cognomen* em duas outras inscrições (*CIL* II 5122 e 5710).

Porém, na nossa opinião, devemos ponderar a hipótese de *GO/NICODI/VS* – e não *CO/NICODI/VS* – conter os *tria nomina* latinos.

De facto, a primeira letra apresenta um *ductus* a três tempos – e não apenas a dois, como seria o caso se efectivamente se tratasse de um C. Assim, para além dos traços 1 e 2 – o desenho da curva fundamental e o seu prolongamento superior –, podemos ainda detectar um pequeníssimo traço 3 virado para baixo, pormenor que transforma esta letra inequivocamente num G, aliás similar a um dos tipos classificados pelos Gordon (1977, p. 103, fg. 12, n.º 5) Este carácter surge abundantemente como sigla do *praenomen* latino *Gaius*, e assim supomos pertinente interpretá-lo aqui.

Tendo pois em conta que o G pode com grande probabilidade referir-se a um *praenomen*, o O subsequente indicará um *nomen*. Na *Prouincia Lusitania* conhecemos, iniciados por O-, os *nomina* *Octavius*, *Orbius* e *Ofilius*. *Ofilius* está atestado uma única vez em *Emerita Augusta*. *Orbius* encontra-se duas vezes nesta capital provincial e uma no *Ager Olisiponensis*. Quanto a *Octavius*, é o *nomen* iniciado pela letra O com mais testemunhos na *Prouincia Lusitania* e, especificamente, no *Conuentus Pacensis* – cinco casos em *Emerita Augusta* e dois em *Salacia* (Abascal Palazón, 1994, p. 192-194; *AALR*, p. 253-254). Assim, colocamos a possibilidade de *O(ctavius ?)* constituir o *nomen* do dedicante.

As restantes letras – *Nicodius* – revelarão o *cognomen*⁵, cujo primeiro elemento corresponderia ao grego *νίκη* – hipótese aliás levantada já por Vallejo Ruiz (2005, p. 487). Conhecemos múltiplos antropónimos iniciados por este radical, sob as formas *Nic-* e *Nico-*, mas nenhum atesta rigorosamente *Nicodius* (cfr., *v.g.*, Solin, 1982, III, p. 1554-1555). Porém, regista-se *Nicodicus* (Vallejo Ruiz, 2005, p. 487) e, mesmo, *Nicadius* (Benseler, Pape, 1959², p. 999; Solin, 1982, I, p. 439), diferenciando este último apenas na vocalização. Deste modo, *Nicodius* poderia não constituir mais do que uma mera variante de *Nicadius*, influenciada pela oralidade e pelas oscilações documentadas na língua latina entre *a/e*, *e/o* e *a/o* (Carnoy, 1971, p. 17-18, 100-101; Faria, 1957, p. 182-185; Santos, 2005, p. 28-29).

⁵ José d'Encarnação considerou a possibilidade de os caracteres finais *VS* esconderem a fórmula votiva *u(otum) s(oluit)*, opinião seguida por J. Vallejo Ruiz (*IRCP* 493; Vallejo Ruiz 2005, p. 487). Porém, entre as linhas 2-4 surge já a fórmula votiva: *VO/TO QVO(d) / FII(cit)*. Assim, consideramos que os caracteres *VS* pertencem ao *cognomen*.

Este *cognomen* grecizante poderá indicar proveniência da região oriental do Império ou, com maior probabilidade, ser resultado de uma moda onomástica que afecta múltiplos indivíduos de origem servil; salientemos que, dos sete membros da família *Octauia* existentes na *Prouincia Lusitania*, três apresentam *cognomina* grecizantes, e um deles revela explicitamente a sua origem servil (AALR, p. 253, 2.^a, 4.^a e 7.^a referências).

Titus Annius Apir:

Em CIL II 5206 = IRCP 485 lemos *Titus Annius Apir*, ostentando o dedicante os *tria nomina* latinos (*Apir* = *Aper* – vide supra, CIL II 6330) (cfr. IRCP 485). *Annius* e *Apir* são nomes frequentes na Península Ibérica (IRCP 485; Abascal Palazón, 1994, p. 76-78, 275-277, 279-280; AALR, p. 89-90, 320).

Marcus Liuius Seuerus:

IRCP 517 indica-nos um *Marcus Liuius Seuerus*, indivíduo também com os *tria nomina* latinos. *Liuius* está pouco atestado na epigrafia peninsular, enquanto *Seuerus* é o *cognomen* mais usual na *Hispania* (IRCP 517; Abascal Palazón, 1994, p. 31, 173, 506-510; AALR, p. 214, 300-303).

A análise onomástica destes dedicantes afasta-nos claramente do meio indígena, reforçando a ideia já exposta por Amílcar Guerra (2008, p. 165) ao afirmar que o tipo de singularidades linguísticas patentes nos monumentos pouco elaborados, como aqueles que analisámos, «sont la conséquence d’une profonde tradition locale ou “populaire” qui se manifeste fréquemment dans l’épigraphie de ce sanctuaire», tradição local ou “popular” que este autor não relaciona afinal necessariamente com a população de origem paleohispânica mas sim, sem considerações “étnicas”, com os devotos «d’une couche sociale plus modeste» – como seria o caso, por exemplo, de *Gaius O(ctaius ?) Nicodius*.

8. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objectivo reanalisar as formas teonímicas patentes em cinco textos do *corpus* epigráfico consagrado a Endovélico.⁶

Em CIL II 6330 = IRCP 493, foi-nos possível propor a forma *I(n)douelliico*=*I(n)douelleco* (ou *II(n)douelliico*=*E(n)douelleco*), aproximando-nos assim das leituras consideradas por Hübner na correspondência dirigida a Leite de Vasconcellos

⁶ Agradecemos a José Cardim Ribeiro, a Amílcar Guerra, a Maria José Albuquerque, a Maria João Santos, a Susana Santos, ao Museu Nacional de Arqueologia – nomeadamente à equipa do Inventário – e a Carlos Ribeiro – da Câmara Municipal do Alandroal – que, de variadas maneiras, contribuíram para este estudo.

e em *CIL* II. Relativamente ao dedicante, colocámos a hipótese deste se designar *G(aius) O(ctavius ?) Nicodius*, desaparecendo assim mais um dos poucos antropónimos hispânicos documentados entre os dedicantes de Endovélico.

A leitura que efectuámos da forma teonímica patente em *CIL* II 5206 = *IRCP* 485, *Endoueliico=Endoueleco*, difere das restantes lições até agora dadas quanto a esta epígrafe.

Em *CIL* II 6269b = *IRCP* 507, mantivemos as duas hipóteses em aberto – *Indoueliico=Indoueleco* e *Indouellico* –, na medida em que as características paleográficas do texto não nos permitem detalhar plenamente a letra em questão.

IRCP 517 dá-nos a conhecer uma forma teonímica até agora nova, *Endouoleico*. Esta permite-nos registar o sufixo com ditongo *-eico*, que documentará uma formação vocálica teoricamente anterior às mais ‘evoluídas’ em *-eco* e em *-ico*, corroborando ainda com maior força a suposta origem toponímica do teónimo de Endovélico.

As características paleográficas do texto *CIL* II 5201 = *IRCP* 527 possibilitam-nos colocar várias hipóteses. Mas a leitura que nos parece mais sustentável, e como tal mais prudente e aconselhável, é ainda *Endouellico*, não alterando pois as propostas da maioria dos autores.

Em suma, este estudo permitiu-nos não só confirmar e/ou revelar novos testemunhos da terminação *-eco* para este nome, mas ainda encontrar uma forma teonímica nova e que – embora muito provavelmente simples fruto da oralidade praticada em meios sociais modestos – poderá contribuir de modo assaz significativo para a compreensão do processo formativo do teónimo: *Endouoleico*.

ABREVIATURAS

- AALR – Navarro Caballero, M. [et al.] (2003)
- CIL* II – Hübner, E. (1892)
- EJLV – Coito, L. (1999)
- IRCP* – Encarnação, J. d’ (1984)
- MNA – Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
- RAP – Garcia, J. M. (1991)

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) – *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Murcia: Universidad; Madrid: Universidad Complutense.
- ALMEIDA, J. M. (1974) – Vária terminologia epigráfica e arqueológica. *Estudos Arqueológicos*. Setúbal. 1, p. 221-225.
- BENSELER, G.; PAPE, W. (1959) – *Wörterbuch der Griechischen Eigennamen. Nachdruck der Dritten Auflage*. Vol. 2, A – Ω, Graz: Akademische Druck – U. Verlagsanstalt.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. (1962) – *Religiones Primitivas de Hispania*. I. *Fuentes Literarias y Epigráficas*. Roma: CSIC.
- BÚA CARBALLO, J. C. [s.d.] – *Estudio Lingüístico de la Teonimia Lusitano-Gallega*. Salamanca: Universidad de Salamanca. Policopiado.
- CARNOY, A. (1971) – *Le Latin d'Espagne d'Après les Inscriptions. Étude Linguistique*. New York; Hildesheim: Georg Olms Verlag.
- COITO, L. (1999) – *Epistolário de José Leite de Vasconcellos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Suplemento a «O Arqueólogo Português»; 1).
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- ENCARNAÇÃO, J. (2008) – Dédicants et Cultores: Quelques aspects ... dans la Lusitanie Romaine. Le cas d'Endovellicus. *Quaderni di Acme*. Milão. 104, p. 61-71. Número especial «Dedicanti e Cultores nelle Religioni Celtiche».
- ÉTIENNE, R. (1974) – *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*. 2^{ème} ed. Paris: Éditions E. de Boccard.
- FARIA, E (1957) – *Fonética Histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Livraria Académica.
- FORCELLINUS, A.; PERIN, I. (1940) – *Lexicon Totius Latinitatis. V. Onomasticon (A-I)*. Patavia: Typis Seminarii.
- FUSTÉR, L. (1950) – La formula «ex visu» en la epigrafía hispánica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. XXIII: 80, p. 279-291.
- GAFFIOT, F. (1934) – *Dictionnaire Latin-Français*. Paris : Hachette.
- GARCIA, J. M. (1991) – *Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e Observações às «Religiões da Lusitânia» de José Leite de Vasconcellos. Fontes Epigráficas*. [Lisboa]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- GORDON, J. S.; GORDON, A. E. (1977) – *Contributions to the Palaeography of Latin Inscriptions*. 2nd ed. Milano: Cisalpino-Goliardica.
- GUERRA, A. (1998) – *Nomes Pré-Romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular*. Lisboa: Faculdade de Letras. Policopiado.
- GUERRA, A. (2008) – La documentation épigraphique sur Endovellicus. In *Continuity and Innovation in Religion in the Roman West*. Portsmouth, Rhode Island. p. 159-167.
- GUERRA, A. [et. al.] (2003) – Novas investigações no Santuário de Endovélico (S. Miguel da Mota, Alandroal): a Campanha de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 415-479.
- HÜBNER, E. (1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum II Insriptiones Hispaniae Latinae. Supplementum*. Berlin: Georgium Reimerium.
- KAJANTO, I. (1982) – *The Latin Cognomina*. 2nd ed. Roma: Giorgio Bretschneider Editore.
- LAMBRINO, S. (1951) – Le Dieu Lusitanien Endovellicus. *Bulletin des Etudes Portugaises et de L'Institut Français au Portugal*. Coimbra. Nova série, 15, p. 93-147.
- LAMBRINO, S. (1967) – Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcellos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, I, p. 123-217.
- NAVARRO CABALLERO, M. [et. al.] (2003) – *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*. Mérida; Burdeos: Fundación de Estudios Romanos / Ausonius.

- PRÓSPER PÉREZ, B. M. (2002) – *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad.
- RIBEIRO, J. C. Cardim, coord. (2002a) – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- RIBEIRO, J. C. Cardim, (2002b) – Endovellicus. In RIBEIRO, J. Cardim, coord. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 79-90.
- RIBEIRO, J. C. Cardim, (2005) – O *Deus Sanctus Endovellicus* durante a Romanidade. ¿Uma interpretação local de *Faunus / Silvanus*? *Palaeohispanica*. Barcelona. 5, p. 721-766.
- SALOMIES, O.; SOLIN, H. (1994) – *Repertorium Nominum Gentilium et Cognominum Latinorum*. 2.^a edição. Hildesheim; Zurich; New York: Olms – Weidmann.
- SANTOS, S. (2005) – *O Latim das Inscrições Romanas em Território Português até à Queda do Império*. Lisboa: Faculdade de Letras. Policopiado.
- SOLIN, H. (1982) – *Die Griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, vol. I, Berlin; New York: Walter de Gruyter & Co.
- VALEJO RUIZ, J. M. (2005) – *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*. Vitoria; Gasteiz: Argitaipen Zerbitzua.
- VASCONCELLOS, J. L. (1890) – Novas Inscrições de Endovellico. *Aurora do Cavado*. Barcelos. Ano XXIII, n.º 1:176, p. 4-5.
- VASCONCELLOS, J. L. (1905) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Vol. II.
- VASCONCELLOS, J. L. (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Vol. III.
- VASCONCELLOS, J. L. (1938a) – Epigrafia do Museu Etnológico (Belém). *O Archeologo Português*. Lisboa. XXX, p. 118-125.
- VASCONCELLOS, J. L. (1938b) – *Opúsculos*. V. *Etnologia*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CIL II	IRCP	Guerra [et. al.], 2003	Teónimo*	E	II
5203	534		ENDOVELLICO	x	
136	514		ENDOVELLICO	x	
141	529		ENDOVELLICO	x	
	499		[END]OVOLICO	x	
	502		ENDOVELLICO	x	
	530		[ENDOVEL]LICO	x	
	544		ENDOVE[L]LIC[O]	x	
	541		INDOVE[L]LICO	x	
6330	493		l(n)DOVELLICO	x	x
5206	485		ENDOVELLICO	x	x
	517		ENDOVOLEICO	x	
6269b	507		INDOVELLICO ou INDOVELLICO	x	x?
140 = 5201	527		ENDOVELLICO	x	x
5209a	549		ENDOV[EL]IC[O]	x	
	554		[ENDOV]ELL[ICO]	x	
5204	504		INDOVE[L]LICO	x	
	545		ENDOV[ELL]ICO	x	
	551		[EN]DOVOL[ICO]	x	
	543		[ENDOV]ELLICO	x	
	505		-----	x	
	542		[E]NDOVELL(ico)	x	
6267	496		ENDOVOLICO	x	
6267a	515		END(ouellico)	x	
6269a	533		ENDOVELLICO	x	x?
6267b	518		ENDOVELLICO	x	
6269c	550		E(ndouellico)	x	
6329	538		ENDOVELLICO	x	
6331 = 6334	513		INDOVE[L]LICO	x	
6333a, b, c	482		-----	x	x
134	508		ENDOVELLICO	x	
	509		[ENDO]VOLICO	x	
127	483		ENDOVELLICO	x	
132	494		ENDOVELLICO	x	
135	510		ENDOVOLLICO	x	
128	486		ENDOVELLICO	x	
129	488		ENDOVELLICO	x	
139	526		ENDOVOLICO	x	

137	531		ENDOVELLICO	x	
133	497		ENDOVELLICO	x	
6265	484		ENDOVELLICO	x	
5202	487		ENDOVELLICO	x	
130	489		ENDOVELLICO	x	
6265a	490		ENDOVELLICO	x	
	491		-----	x	
131	492		ENDOVELLICO	x	
6266	495		ENDOVELLICO	x	
	498		-----	x	
	500		ENDOVELLICO	x	
	501		ENDOVELLICO	x	
5205	503		[ENDO]VELLIÇ[O]	x	
	512		[EN]DOVELLICO	x	
136	514		ENDOVELLICO	x	
5207	516		ENDOVELLICO	x	
142	519		ENOBOLICO	x	
	520		INDOVELLICO	x	
6268	521		ENDOVOLLICO	x	
138	522		ENDOVELLICO	x	
	523		ENDOVELICO	x	
	524		[E]NDOVELLICO	x	
6269	525		ENDOVOLLICO	x	
	528		ENDOVELLIÇO	x	
	532		ENDOVELLICO	x	
5208	535		ENDOVOLLICO	x	
	536		ENDOVELLICO	x	
	539		ENDOVELLICO	x	
	548		END[OVELLICO]	x	
	553		END[OVELLICO]	x	
	555		ENDO(<i>uellico</i>)	x	
5209b	556		[E]NDOVE[LLICO]	x	
	560		-----	x	
	564		[ENDOVELL]ICO		
		1	[EN]DOVELL[ICO]	x	
		2	IINNOV(<i>olico</i>)	x	x
		3	ENDOVE[L]ECO	x	

Quadro I – Grafemas para expressar a vocalização E registados na epigrafia de Endovélico

‡ Seguimos na generalidade as leituras de José d' Encarnação 1984 e de Amílcar Guerra [et. al.] 2003, excepto quanto às inscrições reanalisadas neste artigo.